

Introducción a Museos y Arquitectura

Paulo Roberto Sabino

Universidade Federal de Minas Gerais

Editor invitado del Volumen 8

O tema da arquitetura de museus tem se destacado nos últimos anos como área de estudo e análise por parte de profissionais e pesquisadores tanto da área de Arquitetura como da de Museologia. Tal interesse se justifica ao observarmos o fenômeno global da espetacularização dos museus e o novo status cultural que as instituições museológicas alcançaram nas últimas décadas. É possível notar, no entanto, que a arquitetura de museus está muito além dos complexos e impressionantes edifícios. As relações entre forma e função, externo e interno, contendor e conteúdo são campos vastos para discussão, como mostrou o III Seminário Iberoamericano de Investigação em Museologia - SIAM com muitos exemplos da amplitude e da importância da arquitetura de museus no aperfeiçoamento da investigação museológica.

Desde os primeiros edifícios construídos para abrigar uma instituição museológica, como o Altes Museum de Berlim (1824), do arquiteto alemão Karl Friedrich Schinkel até os museus espetaculares pós-modernos do qual o Museu Guggenheim de Bilbao (1997) do arquiteto americano Frank Gehry é considerado um marco, as relações entre projeto arquitetônico e funções museológicas sempre estiveram presentes e foram fortemente influenciadas seja por elementos internos tais como circulação do público, percursos curatoriais, condições ambientais, acessibilidade, conservação do acervo, como por elementos externos como os interesses políticos, sociais e econômicos daqueles que detém o poder para erigir museus.

Ao longo do tempo, os edifícios dos museus foram se modificando influenciados também por uma série de fatores intrínsecos às áreas da Arquitetura e da Museologia que, combinados, foram determinantes para o desenvolvimento da área da arquitetura de museus.

O domínio da manipulação de novos materiais, por exemplo, foi sendo introduzido e proporcionou mudanças radicais na construção dos museus. Podemos observar essa transformação nas linhas neoclássicas dos grandes museus nacionais como o Museu Britânico, de 1759, em comparação ao edifício modernista de concreto retilíneo e simétrico do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, MoMA, de 1932, ou à estrutura amebóide em vidro moldado do museu austríaco Kunsthaus Graz, de 2003. Percebemos que a arquitetura de museus foi se apropriando da tecnologia para cumprir suas novas necessidades funcionais e de programas museológicos que, sobretudo a partir dos anos 1970, foram radicalmente modificados posicionando o homem e a comunidade no centro discussões sobre a preservação do patrimônio e da memória.

Trata-se de uma mudança, evidentemente, que vai muito além da nova forma externa dos museus. As transformações foram sendo incorporadas e discutidas no projeto arquitetônico dos museus, e cada vez mais a integração e o diálogo entre arquitetos e museólogos foram se tornando pontos preponderantes no êxito dos novos museus. Da mesma forma, a discussão com a comunidade em vários níveis de representação proporcionaram uma relação mais profunda entre o museu e a sociedade no qual a instituição se insere, transformando um longínquo e inaccessível edifício em um centro efervescente de identidade cultural e representatividade comunitária.

A mudança sobre a qual nos referimos abrange a totalidade do conceito de museu, que de depósito de antiguidades empoeiradas e sem atrativos se tornou um templo espetacular de entretenimento. Nesse sentido, a arquitetura desempenha papel importante na comunicação simbólica do museu com vários campos do saber, encontro que ajuda a alcançar diversos níveis de problematização nas questões urbanísticas, socioeconômicas e em outras tantas referentes à pós-modernidade e à indústria cultural.

No âmbito ibero-americano importantes pesquisadores e instituições produzem publicações e realizam pesquisas na área da arquitetura de museus. Um ponto de referência para a área foi a publicação, em 1990, da edição 144 da revista brasileira Projeto. Nessa, Ruth Verde Zein faz uma análise crítica sobre a arquitetura de museus (ZEIN, 1990a), bem como apresenta uma classificação de museus internacionais da década de 1980 (ZEIN, 1990b). Na mesma edição, o arquiteto espanhol Josep Maria Montaner apresenta os temas que “abrangem a questão da confrontação entre o lugar definido pela arquitetura [...] e as obras que se exibem de acordo com o discurso expositivo” (MONTANER, 1990, p. 34).

Montaner é também autor de outros livros sobre o assunto como: *Museos para el nuevo siglo* (1995), *Nuevos museos. Espacios para el arte y la cultura* (1990) e *Museos para o século XXI* (2003). Neste último, o arquiteto apresenta o “[...] panorama e a condição contemporânea da arquitetura de museus” (p. 8), destacando modelos importantes como referências para os museus do século XXI. O arquiteto português Nuno Grande também se dedicou ao tema da classificação arquitetônica de museus contemporâneos. Em seu livro *Museomania: museos de hoje, modelos de ontem* (2009) apresenta uma classificação cuja orientação opera entre paradigmas modernos e pós-modernos, traçando um “[...] panorama da arquitectura (no sentido espacial) de alguns dos mais recentes museus e centros de arte contemporânea à luz das diferentes arquitecturas institucionais” (2009, p. 6).

No Brasil, o Grupo de Estudos em Arquitetura de Museus da FAU/UFRJ pode ser citado como referência na área, produzindo publicações e pesquisas teóricas sobre a arquitetura de museus no Rio de Janeiro e outras reflexões sobre instituições brasileiras. O tema também é motivo de crítica para o professor David Sperling, que desenvolve em seus artigos questões sobre a arquitetura contemporânea de museus de arte à luz dos conceitos da pós-modernidade e da produção cultural. Alguns autores têm abordado temas mais específicos relacionados à arquitetura de museus, como a questão do espaço expositivo, no âmbito do qual podemos destacar os trabalhos das brasileiras Lisbeth Rebollo Gonçalves, Marília Xavier Cury, Sonia Salcedo Del Castillo e do espanhol Juan Carlos Rico.

O III Seminário Iberoamericano de Investigação em Museologia trouxe o tema da arquitetura de museus para ser discutido ao longo dos três dias com representantes do Brasil, Espanha e Portugal, no intuito de ampliar e aprofundar o tema da arquitetura de museus no cenário da pesquisa museológica.

Na comunicação “Energias renováveis nos edifícios de Museus: Contribuição para a preservação ambiental”, o autor M. C. Furtado Mendes apresenta aplicações de fontes de captação de energias renováveis que podem ser incorporadas à arquitetura de museus, sejam eles novos ou não. Tal preocupação atende a uma questão econômica e também se insere nos temas de responsabilidade social e preservação patrimonial.

1. Em “Protocolo de análisis medioambiental en las bibliotecas de la UNLP”, María de la Paz Diulio e Analía Fernanda Gómez mostram como a arquitetura pode contribuir para a preservação de um acervo. No caso que apresentaram, uma análise das condições dos edifícios das bibliotecas da Universidade Nacional de La Plata, na Argentina, e seus efeitos para conservação de papéis.

2. Em “Arquitetura e Design de Exposições: um estudo de suas relações em instituições culturais na cidade de São Paulo” analiso as relações de influência da arquitetura do museu sobre o espaço expositivo com base na classificação arquitetônica de museus contemporâneos.

3. Na comunicação “A Exposição de Arquitectura como Experiência Espacial” a arquiteta Rita Nobre Caetano Cruz Dourado Fazenda Rodrigues reflete sobre a forma de exposição da arquitetura entendida como uma continuidade à experiência espacial.

4. Em “Expografia moderna e contemporânea: diálogos entre arte e arquitetura”, o professor Robson Xavier da Costa apresenta as relações entre o espaço expositivo de arte e a arquitetura a partir das influências das vanguardas artísticas e dos conceitos arquitetônicos do fazer expositivo. Tais relações determinam as escolhas que podem ser adotadas nos museus, considerando seu espaço expositivo e seus diversos partidos arquitetônicos.

5. Na comunicação “Patrimónios – Centro Histórico da Vila de Palmela”, Maria Teresa Rosendo, Michelle T. Santos, Teresa Sampaio e Sandra A. Silva apresentam as diversas estratégias museológicas adotadas pelo Museu Municipal de Palmela, como exposições, conversas e atividades educativas com o objetivo de incluir a comunidade nas discussões sobre a revitalização do Centro Histórico, entendido como espaço de preservação patrimonial.

6. No artigo “A luz natural na linguagem arquitetônica: O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o diálogo interrompido”, Alvaro Augusto de Carvalho Costa analisa a luz natural como elemento essencial no projeto arquitetônico e toma como exemplo o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, edifício icônico do arquiteto Affonso Reidy que, após várias intervenções, perdeu do projeto original a luz natural que era indispensável na ideia de espaço aberto e relações entre público, museu e paisagem.

7. Em “O patrimônio museal e os novos lugares de memória” as pesquisadoras Cêça Guimaraens, Ana Albano Amora e Luiz Manoel Gazzaneo apresentam um levantamento sobre novos locais e realidades onde os museus estão inseridos, estabelecendo relações distintas ao modelo tradicional.

8. Na apresentação “O patrimônio construído trabalhado como acervo no Museu Vivo da Memória Candanga”, a professora Maria Cecília Filgueiras Lima Gabriele parte de conceitos sociomuseológicos para traçar uma relação de preservação da memória coletiva e comunidade. A arquitetura preservada do antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, dos anos 1950, é utilizado como espaço para uma exposição que narra a história da comunidade tendo como foco os próprios moradores.

9. Por fim, René Siebel e Mikel Asensio apresentou um documento sobre o diálogo “arquitetura – museu”. O estudo reflete sobre a influência da arquitetura da experiência do museu. Nós estudamos como esta experiência é influenciada pela arquitetura, desenvolvendo um trabalho “quase-experimental” na arquitetura percebida. O estudo foi realizado no Museu de Arte Contemporânea de Léon (MUSAC), um edifício premiado do reconhecidos arquitectos Luis Mansilla e Tuñón Emilio.